

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Memórias do esquecimento: o cinquentenário da *Enciclopédia do Integralismo* –
um compêndio que visava reavivar memórias**

Rodrigo Christofoletti*

Resumo: A Enciclopédia do Integralismo, compendio de 12 volumes publicados para celebrar o jubileu de prata do movimento integralista, celebra neste ano seu cinquentenário. Traduz o sentimento de uma parcela de integralistas no sentido de reverter o quadro de dispersão militante, no qual, o movimento se encontrava. Neste sentido, a EI surge como uma aglutinadora das memórias integralistas, bem como, uma propagadora de suas idéias mais radicais, que visavam dar conta de uma proposta de Nação. Tudo isso mediado pela lente do superlativo, pois nestes escritos tudo o que se relaciona ao integralismo é superdimensionado. Busca-se, portanto, sinalizar pontos gerais sobre como a memória integralista se deu a a partir da publicação deste compêndio, e a partir disto, discutir quais os possíveis impactos que sua leitura irrompeu numa parcela da militância integralista.

Palavras-chave: integralismo - Enciclopédia do Integralismo – memória.

Résumé: L'Encyclopédie de l'Integralismo, compendio publiés pour decélébrer le jubilé d'argent du mouvement integralista, célèbre dans cette année sa cinquentenaire. Il traduit le sentiment d'une parcelle d'integralistas dans le but de retourner le tableau de dispersion militante, dans laquelle, le mouvement se trouvait. Dans ce sens, l'IE apparaît comme une agglutinant des mémoires integralistas, ainsi que, un écarteur de leurs idées plus radicales, elles lesquelles visaient à donner compte d'une proposition de Nation. Tout cela négocié par la lentille du superlatif, donc dans ces écrits tout ce qui se rapporte à l'integralismo est superdimensionado. Il se cherche, donc, signalera des points généraux sur comme la mémoire integralista s'est donnée à partir de la publication de ce compendium, et à departir de ceci, discuter lequel les possibles impacts que sa lecture a éclaté dans une parcelle du militantisme integralista.

Mots clé: integralismo - L'Encyclopédie de l'Integralismo – mémoire.

Se, é verdade que o integralismo, do ponto de vista de sua militância política, é hoje interpretado como um movimento saudosista, pouco articulado, restrito ao passado e por isso dotado de pouca relevância, por outro lado, a rediscussão sobre episódios que constituíram sua história aponta para uma direção bastante diferente: o integralismo, pelo menos dentro da academia, ganha cada vez mais a atenção dos pesquisadores.

* Doutorando em História pela FGV- CPDOC, é educador da Universidade de São Paulo, no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos – Santos – SP.

Durante a última década o estudo sobre o integralismo na sua versão pós-guerra cresceu de maneira significativa. Estuda-se o integralismo não somente para (re)conhecê-lo e re-significá-lo, o que seria uma postura inerente e incondicional de qualquer pesquisa, mas sobretudo para sinalizar novas possibilidades de percepção da sua atuação na sociedade de sua época. É quase consenso que o integralismo foi a versão fascista brasileira – este escrito corrobora tal versão - mas, antes de tudo, procura assegurar que houve gradações em seus elementos fundantes, e que estes merecem ser desmistificados.

O integralismo é, hoje, apenas uma vaga lembrança do que algum dia buscou ser. Exceto nos escritos dos pesquisadores, e nas manifestações *non sense* de esparsos militantes que ainda hoje bradam, aos gritos, o característico cumprimento *Anauê!*, este movimento parece ter sido amplamente esquecido, sobretudo pela imprensa.

Busca-se neste artigo aferir algumas considerações a respeito desta constatação, bem como refletir a respeito do cinquentenário de publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, compêndio de escritos publicados em 1957 para celebrar a retomada simbólica do movimento. Após a percepção do total esquecimento por parte da imprensa sobre os eventos que foram considerados relevantes para a história do movimento integralista, sobretudo, em detrimento da divulgação de diversas datas que celebram outros eventos da história política nacional, entende-se que é bastante pertinente uma reflexão sobre os possíveis porquês de tais esquecimentos (propositais ou involuntários).

Ao longo da última década, os maiores jornais de circulação nacional, a saber: *Folha de S. Paulo*; *O Estado de S. Paulo*; *Jornal do Brasil* e *O Globo* cederam espaço em suas páginas, para que fossem lembrados momentos significativos da história política recente do país, tais como: as celebrações dos 80 anos da Revolução Russa e seus desdobramentos nacionais; dos 70 anos da realização da Semana de Arte Moderna de São Paulo; dos 70 anos da Revolução Constitucionalista e os 60 anos de deflagração do Estado Novo getulista. No entanto, chama a atenção que, os mesmos periódicos que produziram durante semanas, reportagens, editoriais, cadernos especiais sobre estas datas não tivessem registrado outras comemorações: dentre elas, o aniversário dos 70 anos do movimento integralista brasileiro.

Para os jornais de grande circulação, Plínio Salgado e sua doutrina continuaram sendo “personagens do além” (metáfora utilizada por estes mesmos jornais - durante o período da atuação integralista no pós-guerra). A proposital amnésia jornalística tem sua razão. O integralismo, movimento político/ideológico controvertido foi, ao longo de sua trajetória, estigmatizado devido a sua clara aproximação com a partitura fascista (sobretudo a

italiana). Tornou-se, por isso, um movimento dotado de uma carapaça aversiva. Integralismo, sempre foi sinônimo de doutrina direitista, uma versão *duciana* mal resolvida, cheia de desvios de personalidade e rompantes de megalomania (tanto na sua primeira quanto em sua segunda atuação). Nesse sentido, o fato da grande imprensa não ter lembrado tais eventos/datas, além de revelar a permanência do estigma integralista apontou o absoluto desinteresse da mídia pelo movimento.

Nas duas anteriores comemorações significativas do integralismo, em que se celebraram respectivamente suas bodas de prata e ouro (1957 e 1982), a cobertura da imprensa escrita (jornais, revistas, boletins sindicais e de partidos políticos) registrou as mais diferentes impressões.

No período em que se comemorou os 25 anos do movimento, o jornal ainda era o grande veículo de informação do país. Partidos cresceram e foram estigmatizados muito em decorrência das coberturas jornalísticas publicadas em determinados periódicos. Nesse sentido o movimento da gangorra política sempre foi cadenciado pelo partido e o jornal mais fortes.

A mídia integralista, por sua vez, atuou supervalorizando as ações do movimento, a despeito de manter apenas uma rede inexpressiva de pequenos jornais regionais e um jornal nacional, *A Marcha*. Este jornal, de acordo com fontes do próprio movimento não atingia mais do que 25% da população leitora de jornais daquela época. Portanto, a retórica integralista permanecia mais vinculada à sua força simbólica, calcada no passado, do que, propriamente na sua auto-sustentação político-propagandística.

De maneira diversa aos acontecimentos de 1957, a comemoração dos 50 anos do movimento celebrados em 1982 tiveram uma cobertura bastante discreta e pouco significativa. Alguns periódicos noticiaram esparsas referências sobre o movimento, que permaneceu no período alimentando pequenas notas ou notícias de canto de página. O desinteresse da mídia e a problemática conjuntura nacional colaboraram para que as celebrações integralistas fossem esquecidas. O patamar dos três dígitos na inflação brasileira; as guerras; os discursos desastrosos do nosso último presidente militar; as primeiras discussões sobre a formação de possível Colégio Eleitoral e os questionamentos a cerca de uma possível e próxima redemocratização; todos esses fatos obscureceram a lembrança das Bodas de ouro integralista.

Salvo engano, apenas os próprios integralistas (ex-militantes que permaneceram fiéis aos propósitos do movimento) escreveram sobre o episódio em alguns jornais de grande circulação. Sua repercussão não foi muito além de pequenos artigos e raros lembretes nas

páginas dos leitores. Fatos como este conferiram à celebração dos 50 anos integralistas um tom ainda mais saudosista e pouco representativo. O integralismo, fomentado pelo esquecimento da grande imprensa consolidou, assim, seu estado de ostracismo político-militante. Desde então, poucos se lembram a respeito deste movimento.

O cinquentenário de uma publicação pouco conhecida

O integralismo do pós-guerra foi um movimento que buscou na sua reestruturação elementos que reafirmassem seu aparato ritualístico e mítico. Num cenário em que os integralistas não passavam de fantoches da conjuntura, rumando para os mais inesperados acordos políticos, um grupo de intelectuais integralistas propôs a publicação de um compêndio de escritos ideológicos, denominado *A Enciclopédia do Integralismo*.

Esta enciclopédia é deveras desconhecida do grande público. Mesmo do público especializado acadêmico, poucos são os estudiosos que tiveram referências deste compêndio. Mas ao que deve este desconhecimento? Naturalmente seu caráter inédito (jamais fora analisada do ponto de vista científico-acadêmico) a coloca numa situação de privilégio. Seu pesquisador se coloca no mesmo patamar, uma vez se tratando de uma fonte de informações sobre o integralismo do pós-guerra, ainda sem precedentes. Outro fator que colabora para que a *EI* seja desconhecida é o fato de tudo o que se referir ao integralismo ter sido estigmatizado nas últimas décadas, como algo de menor importância, por isso passível de esquecimento. Este artigo, que tem como objetivo central marcar o cinquentenário de sua publicação busca dar maior visibilidade a esta publicação. O que inevitavelmente acaba suscitando a seguinte questão: o simples fato de se lembrar, ou celebrar algo indica que há significância por parte de um evento? A análise da *EI* busca urdir possíveis respostas.

O conteúdo desta enciclopédia fez emergir elementos de tensão entre as várias gerações de integralistas apresentadas no compêndio que, apesar do filtro dos organizadores, acabou por aflorar. Tal tensão permitiu apreender as dissonâncias e similitudes no interior do discurso do compêndio. Esse ponto foi significativo, pois evidenciou que as formulações integralistas foram mais heterogêneas do que a historiografia especializada fazia crer. O integralismo, tal como veiculado no compêndio, carregou a marca *pliniana*, mas, contou com contraposições que fizeram do integralismo do pós-guerra um movimento multifacetado. Em vista disso, acredita-se que a *EI* se constituiu no mais significativo marco da guinada política, simbólica e estética do integralismo do pós-guerra.

Neste sentido, os integralistas praticaram, antes de tudo, um exercício de memória. Como memorialistas, organizaram seu passado a partir das demandas do presente. E

ao reorganizar essa memória, também propunham um projeto para o futuro. A partir desse projeto, que encontrou poucas possibilidades de realização seu discurso e sua prática tornaram-se pouco consistentes, pois os integralistas não puderam voltar ao passado dito glorioso de maneira completa, muito menos responder às questões pautadas pelos desafios do presente. Assim, questões se colocaram: que memórias selecionar? O que registrar para que a posteridade conferisse ao movimento lugar de destaque?

O devir e o dever da memória: discutindo o integralismo à luz dos ressentimentos

As questões que envolvem os *usos* e *abusos* da memória (categoria multifacetada por natureza) e a busca de sua perenidade fazem com que se criem noções distorcidas sobre quais papéis devem ser atribuídos à memória. Uma característica desta confusão de sentidos é justamente a prescrição outorgada à memória no sentido dela sempre redimir os passados... como sendo esta uma obrigação causal de sua perenidade. Há a partir disso o que se denomina de uma noção do “dever da memória”... surgindo assim, novas memórias do espaço público (e privado) que buscam reconhecimento... uma busca pela memória reivindicativa, no sentido de que memórias de opressão geram obrigações, em relação as comunidades portadoras desta memória. Tempos, espaços e atores diversos que utilizam o *devir* e o *dever* desta memória como ponto de culminância de suas reivindicações. Devir porque é sempre uma eterna espera a recapitulação destas memórias (uma eterna esperança de ser redimido por ela, em algum tempo ou espaço). E dever, pois se pretende devedora de uma desculpa, de uma reabilitação perante o passado.

Partindo desta premissa, indaga-se sobre os porquês do movimento integralista brasileiro, sobretudo, na sua versão pós-guerra, ter se transformado num movimento tão controverso, principalmente se o classificarmos a partir das lentes de aumento da categoria de memória. Busca-se aqui discutir quais memórias os integralistas criaram de si mesmos neste período e quais memórias as representações da sociedade civil e política da época outorgaram a este movimento. Trata-se, portanto, de se questionar a respeito de como tal movimento foi percebido, discutindo tais impressões a partir da noção dos *passados sensíveis*, produto de um *tempo vítima e alçoz* simultaneamente: vítima porque amargou o ostracismo - por oposição ou reafirmação de uma postura política- , e alçoz porque consumiu suas chances de redenção, num período em que tudo o que lembrasse os ressentimentos *oriundi della guerra* era imediatamente rechaçado.

Na relação de convivência estabelecida entre os ditos “herdeiros da dor e do sofrimento” e seus proponentes, os integralistas fincaram bandeira de maneira pendular... (ora

instigando, ora dissuadindo) criando memórias para o movimento, que apontam para papéis tanto de vítimas como de produtores de seus próprios erros e mazelas. Por isso, demonstraram ao longo dos anos pós-guerra buscar uma redenção. O paradoxo estabelecido no caso integralista se dá claramente porque o próprio movimento não consegue responder as questões formuladas no bojo de sua própria instituição, e por isso lança mão de estratégias que visam a criação, ou melhor, a recriação de suas memórias, já carcomidas e esquecidas – tal como sua militância, visando a institucionalização de uma memória que auto definem como *justa*, no sentido de que redime, ou busca redimir os atores históricos envolvidos em sua trama, mesmo sendo memórias de uma invenção. Neste sentido, o caso da *Enciclopédia do Integralismo* é paradigmático.

Elaborada para responder às demandas criadas a partir das celebrações do jubileu de prata integralista (celebração que em 2007 completa 50 anos), este compendio de escritos proselitista foi criado para reascender as discussões sobre o movimento, num período em que a única lembrança, ou melhor, a única memória que sobrevivera do e sobre o integralismo era a da sua vinculação com o fascismo. Assim, do primeiro ao último volume desta enciclopédia a tônica foi reacender a *auto-memória*, recriando, rememorando, ressignificando chagas que se mostravam doloridas há muito tempo. Uma construção que ecoava, ora como uma crônica de um futuro anunciado, ora como um repente de um passado que não queria passar.

O passado que não quer passar

A afirmação de que os integralistas colocaram-se na perspectiva de *produtores de ressentimentos múltiplos*, provocadores de ressentimentos é aqui uma questão central. O passado que não passa, tornou-se então o mote de vida integralista que buscava a todo o custo sua desvinculação com este passado estacionado. Por outro lado, se colocou a questão da dificuldade de se perceber claramente os porquês, de existir tais ressentimento. Como o ressentimento se manifesta, a quais sentimentos serve de fonte e que condutas e atitudes inspira, consciente ou inconscientemente? Pois, assim se define a escala de valores do que se é bom ou mau nestes ressentimentos. Ora, qualquer pessoa que tenha vivido os anos da dominação ideológica dos totalitarismos entende sem pestanejar. Os integralistas, talvez tenham sido os únicos a acreditarem terem sido produtores da realidade vigente, não produto dela.

A memória que eles compartilham deles mesmos é, deveras, diametralmente oposta àquela registrada pela sociedade civil da época. Cinquenta anos após os acontecimentos que culminaram na rearticulação integralista de finais de 1950 a memória do

ocorrido começa também a ser reavaliada por parte da academia. O devir e o dever da memória como redentora ou acusadora de condutas, *modus vivendis* ou *modus politicus* passa, então, a ser encarado com cuidados redobrados. A contemporaneidade tem aprendido com os ditos erros de seu passado a matizar a atribuição de valores aos acontecimentos que lhes pareceu representativos. O diapasão com o qual se mede tal intensidade de relevância também aprendeu a ser sempre plural. No caso integralista, isto se mostra de forma bastante clara.

Esta dimensão do dever da memória coloca os integralistas e seu projeto de ressignificação simbólica em pauta das discussões sobre a dicotomia: democracia/totalitarismos, mesmo nos anos 50. A sociedade brasileira do final desta década, portadora de uma herança democrática bem consolidada, se coloca contrária ao integralismo, como se este fosse um elemento que encarnasse a noção do ressentimento geral da sociedade. Esta definição faz do ressentimento... um conjunto de sentimentos em que predomina o ódio, o desejo de vingança e por outro lado, o sentimento, a experiência continuada da impotência, a “experiência continuamente renovada “de uma impotência rancorosa...”(Bressiane & Naxara: 2001, p.18)

Estes rancores, também frutos de uma sociedade em processo de maioridade política, ou para muitos *engatinhamento democrático*, se reflete como espelhos de um modo de ver, sentir e pensar diferente do alvo a ser perseguido. Assim, tudo o que é diferente do que eu penso é passível de ressentimento. A conformação política dos anos 50 (sombreada pelos fantasmas dos corolários da guerra) se deu mais ou menos de acordo com esta premissa, sobretudo no caso do integralismo.

Assim, o integralismo, especialmente na sua faceta do pós-guerra reproduz o itinerário seguido pelos arroubos e ódios destilados pela sociedade civil europeia, quando do termino da segunda grande guerra, período em que os regimes totalitários (fascista e comunista) tiveram como estratégia ideológica favorecer a formação de um ódio exclusivo, e exacerbá-lo com fins de mobilização coletiva. Tal como nos regimes totalitaristas dos anos 30 e 40, o integralismo dos anos 50 também burlou as normas de seu tempo, tendo com isso que responder a um ressentimento aflorado na sociedade vigente. A ideologia integralista buscou ser mais branda justamente para fugir das amarras e das respostas exigidas por tais cujos ressentimentos.

Advém daí a busca incessante por parte dos dirigentes integralistas, à época, de elaborarem uma espécie de *gestão de tais ressentimentos*, justamente no intuito de minimizar os danos ocasionados por eles, na construção desta nova caracterização política. É certo que, de maneira muito superficial, mas as tentativas de remodelação do diapasão integralista

passou, necessariamente, pela manutenção e mesmo gestão destes ódios constantes, não só da sociedade em geral sobre eles, mas de suas próprias bases militantes, desacreditadas frente a nova vigência democrática. Os próprios integralistas desacreditavam de sua ideologia.

Neste sentido, o vir a ser deste novo integralismo, confunde-se, nos anos 50, sobretudo nos seus estertores, com a noção do devir e da manutenção deste ódio lançado sobre o movimento. O que resignificar, como driblar as pechas, estigmas e cicatrizes que tais ódios impingiram a este movimento? As *guerras da memória* redundam em batalhas sem vencedores. Mas, há sempre a prevalência de uma memória frente a outras. Em oposição ao *passado que insistia em não passar* criaram-se novas perspectivas, novas abordagens e novas maneiras de se mostrar o movimento. Aventou-se até a premissa da perenidade de suas memórias como salvadora de um projeto que respondesse às inquietações daquele momento. Foi, sem dúvida, um meio frágil de expandir e perenizar sua memória.

A *Enciclopédia do Integralismo* sugeria a seus leitores a manutenção da valorização de seu passado/presente funcionando como âncora numa tentativa desesperada de reviver o ocorrido... lembranças amplificadas pela certeza de que não eram mais os mesmos. E, a despeito da máxima integralista: “Não estamos no poder, mas, o alimentamos!” resistir à oxidação de seu tempo, sua memória enfrentou clivagens que ajudou a desbotá-la: pátinas do tempo que não sobreviveram ao anacronismo, pois o integralismo revivido nos escritos da *Enciclopédia* buscou cumprir o papel de compensadora de uma memória criada, sem de fato consegui-lo.

Tendo realizado um exercício de memória com os sinais trocados (ou seja, focaram para si os ressentimentos de toda uma sociedade, imaginando serem vítimas e não algozes), o o integralismo discutido nos verbetes da *EI* criou mecanismos para serem reavaliados pela sociedade, utilizando estratégias que visavam aproximá-los a diversos setores da sociedade civil vigente. A pecha de provocadores de ressentimentos e a certeza inabalável de que não possuíam mais espaço de destaque foram decisivos para que o compêndio proselitista da *EI* fosse encarado, simultaneamente como tábua de salvação do discurso integralista e sua única proposta de sobrevivência política.

A leitura do não integralista sobre tais ressentimentos foi diametralmente oposta.

Referencias Bibliográficas:

BRESCIANI, Stella & NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento*. Campinas: Unicamp, 2001.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. 3 v. Paris, Gallimard, 1986.

RICOEUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris, Seuil, 2000.